



Condivíduos: uma questão glocal

*Júlia Pessôa Varges
Universidade Federal de Juiz de Fora

Esta comunicação intenta descrever etapa de pesquisa de campo dirigida ao estudo dos “condivíduos”, identidades “abertas” utilizadas por várias pessoas como forma de resistência político-cultural. Para isso, realizamos um estudo de caso do condívduo Luther Blisset, e sua atuação em âmbito global e local. Como conclusão parcial sugerimos que esta atuação não se dê exclusivamente de forma global, ou local, mas de forma a promover interrelação entre ambas, no que chamamos de interação *glocal*.

Palavras-chave: Ativismo; Condivíduos; *glocal*; Luther Blisset.



Condivíduos, uma questão *glocal*

1- Introdução :sobre o indivíduo

"(...) são obstinados em se considerar indivíduos, porque a sociedade projetou-os dessa maneira, e ela não saberia se virar se não pudesse individualizar, sempre, o responsável por uma ação qualquer."(Luther Blisset, sobre o indivíduo, em BLISSET, 2001, p.115)

"Lutar contra o capitalismo é mesmo foda, os caras são muito ensaboados e o dinheiro compra tudo. De nossa parte recusamos o presente e saímos fora realizados." (Manual Prático de delinquência juvenil, disponível em *copyleft* em diversos sites da *web*)

A noção de indivíduo- como "ser que se distingue dos demais"- está presente na história da sociedade desde as sociedades primordiais. Nos clãs, os membros distinguiam-se uns dos outros através de prenomes e de papéis que estes membros desempenhavam na tribo."O nome designa o conjunto de posições especiais do indivíduo em seu grupo" (MAUSS, 1971. p.180). Numa sociedade baseada pelo coletivismo como um clã, esta "designação" vem estabelecer uma cisão entre indivíduo-coletividade, que é uma das origens do conceito de indivíduo assim como conhecemos hoje. Os criadores e pioneiros na utilização da concepção atual que temos de "indivíduo" foram os romanos, construindo até mesmo a noção de "cidadão" e, a partir dele, os patamares do Direito, ao qual este indivíduo-cidadão estaria submetido.

O sistema capitalista se baseia justamente nesta noção. Segundo Andrew Berstein, na "Declaração de Berstein sobre os princípios e as possibilidades do Capitalismo" , " O Capitalismo é o único sistema baseado no reconhecimento de que cada indivíduo é dono de sua própria vida." (BERSTEIN & PRODOS, tradução de Winston Ling, extraído de <http://www.celebratecapitalism.org/bernsteindeclaration/portuguese/index.html>). Por outro lado, este mesmo indivíduo "dono de sua própria vida" precisa vender sua força de trabalho, seu tempo e submeter-se a uma hierarquia sócio-econômica para sobreviver no sistema capitalista. O capitalismo precisa do indivíduo; como produtor e consumidor.



O individualismo capitalista está mais presente na vida cotidiana do que possamos imaginar, mais do que nas grandes corporações, na mercantilização da Arte, na Publicidade, nas marcas, no *copyright* e em outras práticas mais explícitas. Nosso cotidiano está permeado por locais individuais: os muros, portarias e condomínios fechados individualizam as moradias; os espaços dentro de uma casa estão cada vez mais individuais; as aulas particulares tornam-se comuns; *personal trainer*, *personal stylist* e outros *personal* compõem a lista dos serviços baseados na lógica do "só meu".

É contra essa lógica individualista-capitalista que surge o *condivíduo*.

" O Capitalismo domina as coisas e as pessoas, nomeando-as, descrevendo-as: "Você é um Eu". " Não, eu não quero ser mais um EU, eu quero ser infinitos Eus!" O nome coletivo destrói os mecanismos de controle da lógica burguesa. Sem possibilidade de classificação, o poder não pode impor identidades pré-cozidas e pré-digeridas, nem colocá-las umas contra as outras" (BLISSET,2001, p.124)

2- E o que é preciso fazer para se tornar *condivíduo*?

Quem responde ao questionamento é o *condivíduo* Luther Blisset:

"É suficiente renunciar à própria identidade, com todas as vantagens que isso traz." (BLISSET, 2001, p.116)

À resposta de Luther Blisset, o escritor e médico Ernesto Guidos acrescenta que:

"Deveríamos buscar uma forma nova de pensar e poder, assim, mudar nossa vida cotidiana. Creio que essa busca nos levaria a alcançar nossa liberação total. Para isso é preciso abandonar de uma vez por todas o conceito de indivíduo. Este conceito é profundamente reacionário e antropocêntrico de originalidade e direitos do autor. Deveríamos abraçar, ao contrário, a idéia de *condivíduo*, quer dizer, de uma singularidade múltipla que traga novas definições de "responsabilidade" e "vontade". O mundo dos *condivíduos* seria um mundo de experiências e emoções compartilhadas. Esta comunidade autêntica não contradiz a "singularidade", já que não trata de indivíduos. Seu ego é múltiplo e multiuniversal e sua subjetividade é descentralizada. Não há distinção entre sujeito, predicado e objeto. " (disponível em



<http://www.elsigma.com.ar/site/detalle.asp?IdContenido=3386>, tradução nossa)

A idéia de *condivíduo* vai além de um projeto de contra-cultura de múltipla autoria. Fazendo uso de artifícios lúdicos, a múltipla identidade visa promover uma verdadeira "guerrilha psíquica" (BLISSET, 2004) termo proposto pelo *condivíduo* Luther Blisset. Isto é, provocar uma revolução nos paradigmas da sociedade capitalista ou ainda, parafraseando o movimento Critical Art Ensemble (grupo que mistura arte, tecnologia, ativismo político e teoria crítica), "criar choques semióticos que contribuam para a negação da cultura autoritária". Para isto, os ativistas agem dentro da própria mídia, sabotando-a, ridicularizando-a, usando seus próprios artifícios para subverter a informação. Ou seja, o *condivíduo* destrói o sistema agindo dentro dele próprio.

Contudo, a idéia de ser um "eu múltiplo" não é uma questão contemporânea, nem tão somente política, como veremos a seguir. O *condivíduo* atua em algumas das questões centrais inerentes tanto à Internet quanto aos novos movimentos ativistas: a não autoria; o *copyleft*; a negação das formas vigentes que atuam sobre a sociedade; a contravenção; a contra-cultura; o anti-capitalismo; e traz a possibilidade de toda e qualquer pessoa participar do que quiser, como quiser, quando quiser.

Segundo Stewart Home, autor do livro "Assalto à Cultura", " a idéia é criar uma 'situação aberta' na qual ninguém em particular é responsável". Se qualquer pessoa pode assinar um pseudônimo comum a todas as pessoas, ninguém é responsável pelas ações desse "ser comum"- e ao mesmo tempo, ainda que soe contraditório, todas as pessoas o são. Desta forma, surge um eficaz ataque à mídia, às classes, à cultura e à política dominantes. Ora, a própria negação do conceito de indivíduo vai contra a força motriz do sistema capitalista, ávido em valorizar o *ego* em todas as esferas da vida, pois:

"(...) A individuação ocorre de maneira intimamente imbricada aos instrumentos e à divisão do trabalho. Tais instrumentos manifestam capacidades e conquistas objetivadas pelos homens em sociedade e, simultaneamente, balizam a formação individual. Quando os produtores e cada um deles se apropriam das forças produtivas, dessa exterioridade que pode constituir-se relativamente aos indivíduos, estabelecem-se as faculdades individuais, em correspondência com os instrumentos materiais, simbólicos e com o modo de produção. A divisão do trabalho, em toda sua extensão, ou seja, em seus aspectos



econômicos, políticos, técnicos, culturais, etc., é a base social mais profunda e mais geral do processo de individuação. (...) " (PALANGANA, Isilda Campaner, disponível em <http://www.ppgte.cefetpr.br/gtteanped/trabalhos/palanganapdf>)

Além disso, o advento da Internet e sua crescente e constante modernização (assim como de todos os meios de comunicação), torna a existência dos indivíduos uma questão central no debate sobre *copyright*, plágio, ruptura com a linguagem, subversão de signos e demais convenções que permeiam o tema "autoria". Isso porque a *web* é um meio muito mais passível de promover identidades "flutuantes". Tal constatação deve-se, em parte, a uma conclusão a que chegamos em estudo anterior: no Ciberespaço, os indivíduos estão submetidos a regras de coesão social muito menos rígidas que as que regem a "vida *offline*". (PIMENTA & VARGES, Francisco e Júlia, 2006) É preciso lembrar, ainda, que à Internet estão necessariamente intrínsecos: supressão espaço-tempo; acesso rápido, fácil e barato e a fusão das funções emissão-recepção (ou seja, o usuário da rede é, ao mesmo tempo, emissor e receptor). Assim, é simples concluir que a propagação de identidades múltiplas seja favorecida neste meio. Finalmente- e não menos importante-, a internet é um sistema de comunicação em rede e, portanto, é preciso ressaltar que:

"É a *network* o melhor meio para chegar a isso. Claro, será preciso agir com coordenação, sem centros de poder, comitês políticos ou maiorias, mas simplesmente propondo para vários nós da rede ações específicas às quais se possa aderir gratuita e livremente.(...) Essa é a maior vantagem da *network*, todos os nós sempre serão independentes uns dos outros e, ao mesmo tempo, poderão estar em ligação constante entre si e interagir a qualquer momento" (BLISSET, 2001,p.129)

Tendo em vista que os indivíduos são identidades "abertas", é fácil compreender que ações e ideologias possam, em algum momento, tomar direções opostas. O mesmo nome pode ser adotado por um anarquista, um socialista e ,por que não, por um capitalista que pretenda sabotar as ações anticapitalistas. E é justa e contraditoriamente aí que está o sucesso da empreitada "não-eu": qualquer auto-referência (anarquista, socialista,ou capitalista, por exemplo) é abandonada. A partir do simples momento em que adotam um nome em comum, os indivíduos deixam de sê-lo para fazer frente à ânsia "ególatra" da sociedade que Guy Debórd definiu como



"Sociedade do Espetáculo." (DEBÓRD, 1967) Ainda que o idealismo anti-capitalista possa se perder, a ação anti-capitalista já sai vitoriosa.

2- Nomes múltiplos: um histórico

Como dissemos anteriormente, o uso de nomes múltiplos não se restringe ao campo da política e da resistência. Nas manifestações culturais- sobretudo nas artes- eles foram amplamente usados por motivos variados. Na década de sessenta, por exemplo, foram lançados vários filmes do diretor Alan Smithee nos EUA. O que se veio a descobrir posteriormente é que Smithee era um condinome utilizado por vários diretores que por algum motivo não queriam ter seu nome relacionado às suas obras. No teatro inglês, o nome Walter Plinge começou a ser utilizado quando um ator que interpretava dois papéis na mesma peça não queria ter seu nome duas vezes no programa. A partir disso, o nome foi utilizado para outros fins, como, por exemplo, quando o programa da peça era impresso antes que todos os atores fossem selecionados.

Os nomes George e Georgina Spelvin eram utilizados da mesma forma no teatro estadunidense. Na Itália, um músico envolvido com a rede Mail Art (sobre a qual discutiremos adiante), Vittore Baroni, criou o projeto Lieutenant Murnau, que tinha a intenção de demonstrar que qualquer pessoa poderia ser um músico e fazer sua produção musical "reciclada". Reciclada porque utilizava o plágio de músicas de grupos famosos, como os Beatles, transformando-as, subvertendo-as, alterando-as.

Há ainda um caso pouco conhecido que não faz parte do campo artístico. Um grupo de professores parisienses de Matemática reuniu-se em 1934 para escrever uma nova proposta de ensino da disciplina. Para manter o anonimato, todos assinaram seus trabalhos como Nicolas Bourbaki. O projeto se estendeu por várias décadas e acabou por gerar muitos volumes de teoria matemática. Mas talvez o caso mais surpreendente seja o dos "Wallys" do Stonehenge. Um grupo de hippies que estava acampado no local, ao ser abordado pelas autoridades, identificou-se como Wally, um a um. Como a lei só previa punição para indivíduos "nominados", eles não puderam ser julgados. O caso se tornou tão notório que acabou inspirando a série de livros infantis "Onde está Wally?", mundialmente famosa. Contudo, consta que a utilização política dos nomes múltiplos - mesmo que inconscientemente, isto é, como consequência de um movimento e não, de estratégia- é mais antiga que as não-políticas citadas até então.



Embora não haja comprovação documental, é bem provável que a primeira utilização de nomes múltiplos com intenção revolucionária date da década de 10 do século XIX. Nesta época, nos anos de 1811-1812, tinha seu auge na Inglaterra o conhecido movimento "ludita", num levante contra as mudanças trazidas com a Revolução Industrial. Os luditas eram trabalhadores industriais que se insurgiram contra a substituição de máquinas em detrimento da mão-de-obra humana, o que gerava desemprego, queda de salários e péssimas condições de vida e trabalho para os operários. O ludismo, movimento dos luditas, foi notório pela estratégia de atuação dos manifestantes, que invadiam as fábricas e destruíam suas máquinas. As ações eram muito bem planejadas e executadas de maneira tão sorrateira e veloz (os luditas desapareciam rapidamente). Assim, as autoridades dificilmente conseguiam capturar os responsáveis.

Por esse planejamento e execuções tão bem planejados, poderíamos pensar que uma única pessoa liderava o movimento. E é bem provável que muitos dos líderes de movimentos ligados ao ludismo utilizassem o nome "Ned Ludd" (nome que inclusive batizou o movimento). Segundo a Wikipedia (www.wikipedia.org), "Ned Ludd foi um dos líderes do Movimento Ludita e (...) uma estória diz que ele destruiu uma máquina de tricotar meias, na fábrica onde trabalhava, por ter sido repreendido pelo patrão." Com isso, Ned se tornou um herói local, e acabou sendo seguido por diversos trabalhadores que lutavam contra as má condições de trabalho advindas da Revolução Industrial.

Embora os condíviduos não tenham constituído um aspecto marcante do movimento Dada, os dadaístas fundaram a Cristo & Co. Ltda., uma sociedade que convidava qualquer pessoa a ser o próprio Jesus Cristo. Em entrevista à revista *Courier Dada*, Raoul Hausmann, um dos precursores do Dada de Berlim, diz:

"(...) De hoje em diante, você vai ser o Presidente da Sociedade de Cristo Ltda., e deve recrutar membros. Deve convencer a todos que eles também podem ser Cristo se quiserem, pagando cinquenta marcos à sua sociedade." (disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=143secao=artefato>)

Esta iniciativa inspiraria, anos mais tarde, alguns projetos da rede Mail Art, movimento que atuava, via correio, fazendo circular informação e arte "subversivas". O primeiro deles, foi o chamado "Blitzinformation", que convidava todos os indivíduos a se tornarem "Klaos Oldanburg", cujo nome era um anagrama da rádio "Olso Kalundburg". Os interessados deveriam preencher um formulário e receberiam, via



correio, seu novo nome acrescido de um número (exemplo :Klaos Oldanburg III, anteriormente Júlia Pessôa). No entanto, a idéia de associar um número ao nome coletivo e de o nome "do indivíduo ser mencionado é uma forma de afirmar a individualidade, e de ir contra a idéia de negação do "eu".

Foi na Inglaterra, em 1982, que o termo "nomes múltiplos" foi usado pela primeira vez no contexto político. Um grupo chamado Geração Positiva, influenciados pelos movimentos punk e anarquista, começou a incentivar todas as bandas de rock a se intitulem "White Colours". Já em 1984, o Geração Positiva lançou uma publicação chamada *Smile*, encorajando todas as revistas a usarem esse nome. Mas em 1977, influenciado pelo Cristo & Co. Ltda do movimento Dada, um grupo de artistas da Mail Art, denominado Academia de Portland, liderados por David Zack, começou a convidar os produtores culturais a se tornarem "Monty Cantsin".

Cantsin era um "pop star aberto", um ídolo sem rosto. Todos poderiam ser Monty Cantsin, mas ninguém era, de fato, Monty Cantsin. A idéia era democratizar o *star system*, com a adesão de vários desconhecidos ao pseudônimo coletivo. Com isso, aconteceriam várias performances sob o nome de Cantsin e ele se tornaria famoso; o que realmente aconteceu. O projeto decolou, mas foi justamente neste momento que houve uma cisão: entre os Monty Cantsin existentes, havia aqueles que realmente acreditavam no uso da identidade coletiva como sua única identidade e aqueles que defendiam a divisão entre sua identidade real e o condívduo Cantsin.

Da rede Mail Art surgiu também um movimento denominado Neoísmo, do qual o condinome Monty Cantsin já fazia parte. Tendo como principal idealizador o artista, organizador, escritor e editor Stewart Home, o movimento emergiu no final dos anos 70 e também fazia uso de condívduos , como podemos constatar no trecho abaixo:

"Atacamos o culto ao indivíduo, os 'eu-mesmistás', as tentativas de se apropriar de nomes e palavras para um uso exclusivo. Rejeitamos a noção de copyright. Pegue o que puder usar." (Trecho de Manifestos Neoístas)

Assim, o nome múltiplo utilizado pelos neoístas também surgia contra a noção de indivíduo, patamar da individualidade capitalista, assim como das noções de autoria e os direitos inerentes a esta. Como já deatacamos em outro momento, o nome coletivo permite estratégias alternativas de ataque e subversão da cultura dominante



que um autor identificado e, portanto, identificável, não possibilitaria. O próprio Home inventaria um condinome coletivo em 1985. Desde que foi lançado, o projeto teve centenas de adesões e foi, inclusive precursor da "Greve da Arte" realizada por Stewart Home entre 1990 e 1993, na qual o intelectual interrompeu por completo sua criação no intuito de fazer frente à mercantilização da arte, sendo até mesmo a favor do fechamento de galerias. Ninguém mais aderiu a esta greve, mas o movimento foi polêmico e influenciaria algumas manifestações semelhantes no futuro, como em 2000, na Espanha, quando um grupo de artistas fez interrupção semelhante à de Stewart Home.

3- Nomes múltiplos no Brasil: Yes, nós temos condívduos!

O primeiro condívduo idealizado por brasileiros de que se tem notícia é “Vitoriamario”. Segundo o *site* “ Apodrece e vira adubo” ([www.http://www.organismo.art.br/apodrece/](http://www.organismo.art.br/apodrece/)), o nome surgiu em 1985 e cometeu “suicídio” em 1999. Em seus treze anos de existência, os vitoriamarios produziram romances, teses, ensaios e livros-reportagem, grande parte disponível na *web*, com a popularização do meio. Alguns deles eram mais radicais e defendiam idéias como a depredação da propriedade. Como já explicitamos anteriormente, não há como delinear que tipo de vertente os assinantes de um condívduos seguirão, visto que estamos diante de uma identidade “aberta”. Assim, mesmo tendo se “suicidado” em 1999, segundo texto do “Apodrece e vira adubo”, podemos encontrar textos do ano em curso assinados por Vitoriamario na rede.

Há dois outros condívduos famosos, originalmente brasileiros. Embora não haja nenhum estudo a respeito, nossas pesquisas na Internet revelaram vários textos, blogs, publicações sob os condinomes: “Ari de Almeida” e “Timóteo Pinto”. A produção dos dois é bem parecida e segue as estratégias do “condividualismo” às quais nos referimos antes: caráter lúdico, crítica ao capitalismo, ataque à mídia, plágio, ensaios, notícias falsas; enfim, características do ativismo político cultural que encontramos na rede atualmente.

O fato de brasileiros fazerem ativismo utilizando condívduos como forma de estratégia é a primeira justificativa para o título deste trabalho. Uma vez que o



condivíduo é uma identidade e uma estratégia de ação “aberta”, automaticamente a iniciativa é uma ação em escala *global*, isto é; qualquer cidadão, de qualquer parte do mundo, pode assinar o nome múltiplo. Por outro lado, o fato de brasileiros sentirem necessidade de criar um indivíduo demonstra que o movimento tem um caráter local, isto é, embora esteja engajado em causas inerentes ao ativismo mundial (como o *copyleft*, o anticapitalismo, o ataque à cultura hegemônica, entre várias outras), os ativistas sentem necessidade de se envolver em questões essencialmente brasileiras, ou seja, *locais*.

Dessa forma, eis a primeira constatação de que o fenômeno dos nomes múltiplos é uma questão nem tão somente *global*, nem *local*; mas sim uma sinergia entre as duas, no que chamamos de *glocal*. Como concluímos em estudo anterior (VARGES, 2005), neste tipo de sinergia ambas as estâncias, local para o fortalecimento do movimento em escala global e a recíproca é verdadeira. O que acontece localmente serve, entre outras coisas, para dar popularidade à idéia de indivíduo em escala global e ; por sua vez, esta projeção global estimula iniciativas locais. Como podemos observar, o processo gera contínuo *feedback*.

Antes de fazermos mais ponderações sobre o caráter *glocal* dos indivíduos, é necessário apresentar o Projeto Luther Blisset. O indivíduo “Luther Blisset” foi uma iniciativa italiana que surgiu na metade da década de 90, e sobre o qual discorreremos abaixo.

4- O Projeto Luther Blisset

O Projeto Luther Blisset surgiu em Bolonha, com a intenção de criar um mito (mitopoesia) contracultural.

“ A idéia que está na base do Projeto Luther Blisset desde suas origens é a de criar um fantasma, um herói popular, que lidere o movimento libertário para fora do underground, do *cul-de-sac* do *centrosocialismo real*, dos nichos dos militantes ou *militontos* em que o projeto permaneceu ao longo de quase vinte anos, injetando-o novamente no *overground*, no *mainstream* cultural. Enfim, trata-se de usar esse fantasma coletivo, espectral herói popular manipulado por milhares de fios, *para deixar um mito de luta e irromper na cultura pop.*” (BLISSET, 2001, p. 39)



Em meados de 90, vários artistas, ativistas e profissionais ligados à mídia resolveram “sumir de cena”, para fazer frente a técnicas e estratégias de resistência ineficazes e obsoletas, que compunham um movimento estático. Para isso, não foi preciso que se organizassem em comitês ou assembléias, como normalmente fazem os movimentos de resistência. Houve uma decisão de aproveitar as potencialidades da nova mídia para lançar uma nova estratégia,

“ (...) um novo “produto”, uma mercadoria intangível, imaterial: um *mito de luta*. (...) Este mito deveria inserir-se em um cenário de revoluções memoráveis, definido pelas ecocatástrofes cada vez mais frequentes, pelo fim tumultuoso da ordem mundial bipolar e (...) pelo aparecimento do assim chamado “trabalho imaterial” pós-fordista e pela ampliação da Rede.” (BLISSET, 2001, p. 17)

Talvez o Projeto Luther Blisset seja o representante mais elucidativo do que propõe a “Comunicação Guerrilha”, tática que busca, trabalhar dentro das estruturas hegemônicas de poder por meio da intervenção no cotidiano e de forma lúdica, como muitas outras formas de resistência. O que distingue a Comunicação Guerrilha, entretanto, é um tratamento prioritário à mídia e à comunicação, e as relações de poder que estas inserem na sociedade. Diante deste contexto, a postura de Blisset é a de questionamento das convenções vigentes, sem a intenção de revelar uma verdade “maior” e omitida da sociedade.

As práticas de Luther Blisset englobam publicações (em revistas, na Internet, em coletivos), programas de rádio, performances teatrais (como o Teatro Situacionista de Luther Blisset), difusão de notícias falsas em órgãos da mídia e outras estratégias que quase sempre culminavam em alguma forma de subversão dos valores vigentes. A maioria das ações não tinha um objetivo em si, isto é, uma causa específica para acontecerem. O que se visava, de fato, era disseminar a identidade (múltipla) de Blisset.

Entretanto, é preciso lembrar que a crítica central de Blisset é ao “indivíduo” e suas conseqüentes implicações para a sociedade. E ainda que - como explicitamos anteriormente - a rede não tivesse homogeneidade por se tratar de uma comunidade aberta a qualquer um que quisesse participar, “ a rede tinha um estilo, mesmo que não



homogêneo. Esse estilo se caracterizava exatamente por ir contra a normalização social, questionando os hábitos, crenças e condutas.” (MAZETTI, 2004, p.67)

Embora ainda seja grande o volume de produções assinadas por Luther Blisset até hoje, principalmente na Internet, consta que o condivíduo tenha cometido um “suicídio ritual”. Apesar disso, grande parte do grupo assina como “Wu Ming” (“ sem nome”, em chinês), mas o movimento atualmente tem foco mais voltado para questões de autoria e *copyleft*; e, portanto, é essencialmente ligado à Internet.

4- Luther Blisset em Juiz de Fora: uma interação glocal

Desde o início de 2007, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) vinha liderando manifestações contra o aumento da tarifa das passagens de ônibus. Antes mesmo que o aumento fosse decretado e confirmado, as lideranças se reuniram e organizaram abaixo-assinados da população contra o aumento da taxa. Em 25 de janeiro do ano em curso, a proposta de uma das empresas de transporte coletivo foi aceita, faltando apenas a assinatura do poder executivo para que a nova taxa se tornasse realidade.

Quando foi assinado o decreto, a prefeitura ainda não havia recebido uma solicitação do Ministério Público, que pedia um prazo maior para análise das planilhas de custo do projeto de aumento da tarifa. Depois deste questionamento, com conseqüente suspensão do aumento, o decreto foi, finalmente oficializado e o crescimento da taxa tornou-se fato.

Durante todo o processo, as manifestações organizadas pelo DCE tornaram-se populares. O trânsito da cidade foi interrompido várias vezes, ônibus foram pichados, estudantes foram presos e até mesmo ameaçados de morte. As manifestações tinham um caráter lúdico: houveram batucadas, ativistas fantasiados e até mesmo a simulação de um cortejo fúnebre do prefeito Alberto Bejani. Além disso, os manifestantes buscavam inserção na mídia. Essas suas características aproximam o movimento contra o aumento da passagem das estratégias que descrevemos neste estudo.

Mas o ponto que nos interessa é a inserção de Luther Blisset, uma indentidade aberta, desterritorializada, e, portanto, global, neste movimento que luta por uma causa tão local quanto o aumento da passagem de ônibus em uma cidade da Zona da Mata



mineira. No dia 31 de janeiro de 2007, uma carta aberta aos estudantes da UFJF começou a circular por e-mail. Na carta, Blisset incitava os estudantes à luta, criticando a forma como o movimento havia se configurado e sugerindo estratégias de atuação.

“(…) A meta não deve ser explodir o sistema, mas implodí-lo. Não queremos uma revolução, que após o término traga outro sistema, outra ditadura. Queremos um levante, que após acontecido deixe para trás apenas um invólucro vazio. Ficará porém, a consciência política. E para tanto, é preciso lutar da maneira correta.(…)” (Luther Blisset, trecho da carta aberta aos estudantes da UFJF)

O trecho acima descreve uma das atuações típicas do próprio Projeto Luther Blisset, aplicado a uma causa especificamente juizforana. Como já explicitamos, o Projeto não tem um objetivo específico, não luta por questões únicas, mas é possível delinear certas características que unem todos os possíveis Blissets: o relacionamento com a mídia, o caráter lúdico, a estratégia de “boicote”, performances, entre muitas outras.

Essas características podem ser classificadas como “globais”, visto que são comuns às várias aparições de Luther Blisset ao redor do mundo e através dos tempos. E parte delas aparecem, por escrito, na carta do Luther Blisset “juizforano”, como podemos verificar abaixo:

“(…)Manifestações pacíficas – como apresentações de música , batucada, malabarismo, música eletrônica – bloqueando as duas entradas seria não só convidativo para qualquer passante (e não só os envolvidos no movimento), mas também um segundo fator inusitado, para fazer da manifestação algo que interessasse à mídia. A aparição midiática é importante não só para a notoriedade do movimento, mas para a sua própria eficácia. Só se sabe do que existe, através do que é representado, do que é mediado. Como se pode querer a realidade de um movimento, de uma mudança, se o máximo dela que salta aos olhos da sociedade são pequenas notas em jornais, ou, pior, notas depreciativas? O que buscamos não é a mudança da situação, mas a mudança dos hábitos que levaram a ela.(…)” (Luther Blisset, trecho da carta aberta aos estudantes da UFJF)

O fato de o Projeto Luther Blisset ter questões inerentes a ele prova seu caráter global, isto é, que o movimento vai além dos limites territoriais. Entretanto, a inserção do condívduo em uma causa tão local como o caso ocorrido em Juiz de Fora denota um



aspecto local, ou seja, a apropriação de uma iniciativa global em prol de uma questão essencialmente limitada em sua espacialização.

O que propomos neste estudo é que o Projeto Luther Blisset - e da própria utilização do conceito “condivíduo” - seja uma estratégia de resistência *glocal*, ou seja, que seja uma intersecção entre “global” e “local”, em que um aspecto complementa o outro. No caso de Juiz de Fora, por exemplo, um condivíduo criado em Bolonha, na Itália, em meados de 90, vem atuar numa causa do ano de 2007, por conta da insatisfação de um grupo local.

Em estudos anteriores, já chegamos à conclusão de que as novas formas de ativismo, impulsionadas sobretudo pela Internet têm essa característica: apropriam-se de elementos globais em prol de uma causa local.(VARGES, 2005). Seria até mais coerente pensar que algum condivíduo brasileiro assinasse a “carta aberta” destinada aos estudantes de Juiz de Fora. Mas visto que Luther Blisset tem maior “popularidade” junto aos ativistas de todo o mundo, é bem provável que os manifestantes tenham optado por ele por desconhecimento dos condivíduos nacionais ou, ainda, na intenção de provocar maior impacto, sem por isso abandonar a luta inerente a uma população local.

Dessa forma “local” e “global” funcionam como um *feedback*. Casos como o ocorrido no manifesto contra o aumento das passagens aumentam a popularidade e, por sua vez, a efetividade do Projeto Luther Blisset em escala mundial (o que é facilitado sobretudo pela Internet). Por sua vez, as estratégias, ações e ideologias inerentes ao condinome Luther Blisset servem para dar base a movimentos como o ocorrido em Juiz de Fora. Assim, a atuação de um condivíduo nunca é somente global, nem local. Embora o movimento seja sem fronteiras, a localidade das ações tem influência sobre o resultado final da forma de ativismo que é praticado e assim, propomos que a estratégia do uso dos nomes múltiplos seja articulada à consciência de seu caráter *glocal*.

Referências bibliográficas:



ACESSA.COM <www.acesa.com> último acesso em 28/03/2007

APODRECE E VIRA ADUBO. <<http://www.organismo.art.br/apodrece/>> último acesso em 28/03/2007

ARAÚJO, Vitória. *Você não existe* - Surgido no Brasil, movimento ativista NOID (não-eu) tenta reposicionar o indivíduo.30/09/2002. Em:
<<http://www.rizoma.net/interna.php?id=174&secao=colagem>> último acesso em 28/03/2007

BLISSET, Luther. *Guerrilha Psíquica*.. São Paulo: Conrad, 2001. 260p.

DEBÓRD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HOME, Stewart. *Assalto à cultura: utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX*. São Paulo: Conrad, 1999. 198p.

LUTHER BLISSET. NET.< <http://www.lutherblisset.net>> último acesso em: 28/03/2007

MANUAL PRÁTICO DE DELINQUÊNCIA JUVENIL
< <http://www.delinquente.blogger.com.br>> último acesso em: 28/03/2007

MAZETTI, Henrique Moreira. *Agitação e intervenção no cotidiano: em busca de uma nova subjetividade*. [Monografia de conclusão de curso]. Facom- UFJF. Juiz de Fora, MG. 2004.

PALANGANA, Isilda Campaner. *Individualidade: Afirmação e negação na sociedade capitalista*. Em:
<http://www.educacaoonline.pro.br/individualidade_afirmacao.asp?f_id_artigo=283>
último acesso em 28/03/2007

PIMENTA & VARGES. Francisco & Júlia. *Second Life: vida e cidadania além da realidade virtual?* In: Anais do CELACOM 2006- X Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação. Umesp. São Bernardo do Campo, SP. 2006.

TIMÓTEO PINTO WEBSITE.< <http://www.http://timoteopinto.fateback.com/>> último acesso em: 28/03/2007

VARGES, Júlia Pessôa. *Buy Nothing day: a Internet como arma do ativismo “glocal”*
In: Anais do Intercom-XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.(cd). Uerj.Rio de Janeiro, RJ. 2005.

WIKIPEDIA. < <http://www.wikipedia.org> > último acesso em 28/03/2007

WU MING FOUNDATION.< <http://www.wumingfoundation.com>> último acesso em: 28/03/2007

